



O lugar da casa já com as fundações

Projecto une várias linguagens artísticas para mostrar operários, relações laborais e qual o momento-chave de um projecto de arquitectura: a construção enquanto transformação

# É uma casa. É uma exposição. É o *Gente da Casa*

## Joana Amaral Cardoso

● Da pessoa que fez a cerca ao técnico da electricidade, da jovem promessa para o futebol que uma lesão atrai para a construção civil ao miúdo que brinca com um camião por estar de castigo (o castigo foi mesmo ir para a obra com o pai), do arquitecto à fotógrafa, de Paulo Furtado e o seu *Legendary Tiger* man aos problemas da construção de uma moradia nos campos de Palmela, tudo fez parte de uma obra. Esta é (alguma da) gente da casa.

*Gente da Casa* é uma casa muito engraçada, que ao contrário da casa da canção já tem tecto e até uma vista desafogada, mas também é uma exposição de fotografia e um livro. E foi uma festa de fim de obra, integrou a programação do festival

Temps d'Images 2008 e originou um ciclo de conferências. Este ano, será um filme e novamente uma exposição, desta feita na Biblioteca Municipal de Palmela, de 14 de Fevereiro a 7 de Março, depois de ter estado até Dezembro na LX Factory, em Lisboa.

Mas *Gente da Casa* é sobretudo a tal casa e as pessoas que estiveram na sua origem e se envolveram na sua construção, do arquitecto mentor do projecto aos operários que durante um ano construíram a moradia unifamiliar que está recheada de "segredos" e muito bem integrada na paisagem, garante Carlos Gomes. A ideia nasceu com ele, arquitecto que cresceu no Barreiro rodeado de trabalhos em curso, obras, vigas e tijolo. O seu pai é construtor há 40 anos e o avô paterno era carpinteiro. Gente que

faz e fazia coisas com as mãos, gente que fazia casas.

Antes da prática profissional e do curso universitário, era essa a sua experiência da arquitectura. Agora, tem mais uma visão - *Gente da Casa, Monitorização de Uma Obra de Arquitectura*, trabalho iniciado (no terreno) em Maio de 2007 e que ainda agora para si vai no adro. Tudo começa, como se lê no livro *Gente da Casa*, com a vontade de mostrar "os construtores anónimos dos cenários reais das nossas vidas". Mas tudo acaba (ou pelo menos evolui nesse sentido) como uma metáfora e um repositório de memória colectiva que não é só para arquitectos e construtores, é para portugueses interessados em quem faz e como se fazem as suas quatro paredes.

Ruy Otero, realizador, acompanhou os trabalhos com



Um dos operários